



## DESCASCANDO A CEBOLA: GÜNTER GRASS, A “VOZ DA CONSCIÊNCIA ALEMÃ”?

Elisandra de Souza Pedro (FFLCH – USP)

**RESUMO:** Desde seu primeiro romance *Die Blechtrommel*, 1959, Günter Grass promoveu debate a respeito da sociedade alemã ao longo e pós Segunda Guerra Mundial, de forma bastante crítica e polêmica, principalmente quanto ao papel do indivíduo pequeno-burguês nos crimes perpetrados na guerra e ao processo de culpa desencadeado com seu final, especialmente ao que se denominou como “culpa coletiva”. A perspectiva do romance é de Oskar Matzerath, narrador-personagem que nos oferece o olhar deformado acerca do horror do regime nacional-socialista. Esta *deformação* do ponto de vista do narrador possibilita a reflexão sobre os fatos narrados, sobre a importância do não esquecimento da catástrofe ocorrida e a necessidade de uma visão crítica sobre a sociedade alemã, sua culpa e responsabilidade sobre os acontecimentos. Considerado pela crítica a “voz da consciência alemã”, o autor se consolidou como um dos maiores críticos e também como um dos maiores escritores da prosa alemã do século XX. Em 2006, o autor publicou sua autobiografia *Beim Häuten der Zwiebel*. Neste volume, Grass apresenta suas memórias e faz revelação que surpreendeu o universo literário a ponto de ter sua credibilidade questionada: sua participação na Segunda Guerra Mundial como membro da Waffen-SS. Os questionamentos promovidos pela revelação entram em choque com a imagem inicial construída e divulgada gerando novas interpretações a respeito do papel do autor e sua obra. Para muitos, a obra de Grass hoje tem um outro significado e esse tipo de interpretação, precisa ser investigada com cautela. *Die Blechtrommel* e sua obra continuam sendo significativos para literatura alemã por tratar e discutir as experiências da Segunda Guerra, o holocausto e a culpa. A obra de Grass hoje poderá ser entendida de forma mais complexa e permitir uma reflexão mais aprofundada sobre questões importantes como responsabilidade e culpa, que são centrais à discussão desse período histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Segunda Guerra Mundial. Autobiografia. Literatura alemã.

## Introdução

Günter Grass é um dos autores mais significativos da literatura alemã da segunda metade do século XX. O debate em torno de suas obras sempre foi pautado por questões sociais, políticas e históricas ligadas diretamente à Segunda Guerra Mundial. Considerado por muitos como a “voz da consciência alemã”, devido a suas análises críticas da sociedade, presentes não apenas em suas obras ficcionais, mas também em seus discursos e aparições públicas, teve sua reputação abalada devido às revelações apresentadas em sua autobiografia lançada em 2006, *Beim Häuten der Zwiebel (Nas peles da cebola)*, a respeito de sua participação na *Waffen-SS*, aos dezessete anos ao final do conflito.

Desde sua inserção no universo literário por meio do Grupo de 47, do qual faziam parte poetas, prosadores e críticos, que tinha como objetivo principal revitalizar a literatura alemã no pós-guerra, Grass se colocou como uma promessa da nova literatura além de crítico feroz ao que ocorreu na Alemanha nazista. Com estreia contundente na literatura, com o romance *Die Blechtrommel (O tambor)* de 1959, Grass se torna um dos principais críticos da sociedade alemã, principalmente dos governos do pós-Guerra, sendo grande opositor de Konrad Adenauer e dos outros governos que se sucederam na Alemanha até 2015. Se envolveu em polêmicas ao longo de sua vida desde ser contra a reunificação alemã até o poema em que criticava a política armamentista de Israel.

### 1 – O tambor e a formação da imagem da “voz da consciência alemã”

Seu primeiro romance, *Die Blechtromme (O tambor)*, foi recebido com uma enxurrada de críticas, tanto elogiosas quanto destruidoras. O romance é o primeiro da intitulada “Trilogia de Danzig”, cidade natal do escritor, da qual fazem parte duas outras obras, *Katz und Maus* e *Hundejahre*, e é entendida pela crítica como narrativas da demonização do período nacional socialista. O romance tem como narrador Oskar Matzerath, o tocador de tambor, dotado de consciência crítica a respeito do mundo que o rodeia desde seu nascimento e que decide parar de crescer aos três anos de idade. Ele tem como objetivo narrar com exatidão sua vida e a história de sua família no primeira metade do século XX, a partir de um hospício, onde está internado. A moldura do hospício promove o distanciamento necessário para tratar da história individual e da história coletiva de seu tempo e também para tratar de elemento crucial para a narrativa: a culpa, tanto em dimensão individual, que é construída de forma complexa principalmente por conta de sua condição do narrador interno do hospício, e de sua dimensão coletiva, que é questionada de

forma incisiva pelo autor já que uma das propostas de Grass com o romance é tratar da responsabilidade de cada indivíduo quanto aos crimes praticados.

O romance, apresenta-nos a pequena burguesia e apreende o processo de expansão e consolidação do nacional socialismo; desmascara a pequena burguesia que compactua com o terror político presente e trata do pós-guerra e a necessidade dessa sociedade de recalcar os crimes e a história pregressa.

A culpa é um elemento que permeia toda a narrativa de *O tambor* e que também tem grande importância na obra de Grass. O autor, em texto sobre a gênese do romance, afirma que a culpabilidade de Oskar, construída a partir de suas ações com base em sua narrativa, oscila entre a culpabilidade verdadeira e uma culpa fingida, acompanhada pela deformação física da personagem.

Essa culpa, que vai ser revisitada não apenas nas obras de Grass, mas no contexto da literatura alemã, pode ser encarada como uma forma de caracterização de uma geração que, representada por esse narrador, compactuou com os crimes de guerra, mesmo aqueles que não tocaram em armas. Grass procura, em seu romance, de alguma forma, ir além do que é chamado de “culpa coletiva” (*kollektives Schuld*). Grass procura individualizar e nomear na narrativa a culpa de cada indivíduo da sociedade a respeito de tudo que ocorreu. Ele mostra o processo de formação desse sistema nacional-socialista do qual fazia parte, mesmo que de maneira inconsciente, mostrando o papel dessa pequena-burguesia, representada pelo mundo no qual Oskar estava inserido.

Em sua narrativa, Oskar mostra que sempre teve consciência de que a culpa esteve o tempo todo a sua espreita, esvaziando tudo o que o cercava. Ele constrói a culpa, que precisará ser expurgada de alguma forma, e escolhe sua narrativa para fazer isso. A memória, e sua construção, é fundamental, pois seu oposto, o esquecimento, parece ter acometido todos à volta de Oskar, impedindo-os de avaliar o que havia acabado de acontecer naquela sociedade.

É claro que essa postura adotada por Grass, principalmente na intitulada “Trilogia de Danzig”, hoje é questionada de maneira fervorosa pelos críticos do autor diante do que foi apresentado pelo escritor em suas memórias quanto à participação na Waffen-SS. Porém, é preciso considerar que não é válido reavaliar a obra de Grass e desacreditá-la apenas a partir dessas afirmações, mas, sim, refletir sobre a importância da obra e a relevância ainda maior para as discussões atuais.

## **2 – Descascando a cebola**

Em agosto de 2006 foi lançada a autobiografia de Gunter Grass, *Beim Häuten der Zwiebel*, que foi recebida pela crítica e público de foma bastante polêmica, principalmente por causa da revelação da participação de Günter Grass como integrante da *Waffen-SS*. A reação da crítica se baseia principalmente por causa do papel central do escritor nas discussões a respeito da culpa, da necessidade de que cada um enfrentasse sua carga de responsabilidade diante da catástrofe. Grass por muitos anos foi considerado pela crítica a “voz da consciência alemã” e depois de muito tempo apresenta um novo fato a respeito de sua biografia.

A autobiografia se aproxima do passado remoto do autor de quase oitenta anos à época do lançamento. A tardia publicação pode ser considerada um ato de cumprir com a tarefa de se dar conta de si mesmo e ao público sobre as formas concretas de seu envolvimento na Segunda Guerra Mundial. Nesse processo de escritura percebemos um autor que tem dificuldade de se aproximar dos atos e pensamentos do jovem que ele foi, sendo apresentado um jogo entre primeira e terceira pessoa.

O descascar das cebolas, imagem emblemática da obra de Grass relacionada a uma catarse a respeito daquilo que não é possível comunicar objetivamente, retorna neste livro como forma de revelar a cada camada o passado do escritor, mas que não parece promover o mesmo efeito de catarse, já que algumas camadas dessa história não são possíveis de serem acessadas.

Podemos afirmar inicialmente que os pronomes em alternância, que distinguem o **eu** escritor já velho e o **ele** o jovem que um dia foi, marcam uma dissonância interna do eu autobiográfico que aumenta progressivamente ao longo da narrativa dependendo do fato a ser narrado. O narrador em primeira pessoa domina a perspectiva a partir do presente do homem de 79 anos que vê a si mesmo nas várias situações do passado. A identidade que flutua entre o *eu* e o *ele* marca o distanciamento e a impossibilidade de acessar o pensamento daquele jovem.

Ao indagar seu retrospecto, ele encontra especialmente a imagem de um outro, enganos de memória e seus buracos negros. O velho Grass carrega questões do menino Grass e encontra perguntas que raramente consegue responder. Como se este menino estivesse de certa forma esquecido no fundo de sua memória.

A partir da observação de como o autor articula seu projeto autobiográfico, utilizando mecanismos caros aos textos ficcionais, particularmente no que se refere à sua obra literária, da reflexão a respeito da memória e sua reconstrução e, por fim, da construção da imagem pública do autor que é anterior à criação e em certos aspectos difere da imagem autobiográfica, construímos a tese de que a autobiografia de Grass se configura como limítrofe no que se refere à discussão do gênero, baseando-nos na ambiguidade produzida pelo texto, que, em alguns momentos, chega a ser paradoxal.

---

A memória e seus processos são elementos centrais da narrativa construída por Grass. Ao descrevê-los, o autor expõe a natureza inexata da memória, como forma de demonstrar que a construção de uma narrativa autobiográfica não é uma simples tarefa e que nem todos os fatos a serem apresentados são de fácil acesso para o autor. Esta forma de exposição foi interpretada como modo de justificar algumas lacunas, principalmente a respeito do episódio central de sua autobiografia, além de interferir em um julgamento a respeito da responsabilidade ética no que se refere ao passado nazista do autor. Inicialmente, é justificável a postura dos críticos a respeito da forma como Grass conduz sua narrativa, uma vez que o gênero se baseia em sua origem em postulados factuais e na referencialidade. Ao apresentar tal estruturação, o autor cria uma atmosfera e ambiguidade que não permite ao leitor julgamento preciso a respeito do narrado. Como se o autor deixasse em suspensão alguns momentos importantes de sua narrativa.

O conteúdo de sua autobiografia não reconstrói a sua história de vida como um empreendimento de fácil execução, mas apresenta esforço do sujeito que se volta para seu passado e tenta explorar e reconstruir a memória sem a expectativa de que possa, a partir de tal processo, produzir o retrato fiel do que foi vivido de forma linear e homogênea. O que se configura não é uma falta de preocupação com relação aos limites entre a factualidade e a ficcionalidade, mas um tipo de nivelamento da auto representação literária e do ficcional, uma interpolação estrutural entre o fabular e o autobiográfico. Em suma: um texto deliberadamente construído sob a égide da ambiguidade.

A ambiguidade serve como propulsora para a criação de questionamentos éticos decorrentes do texto, pois permite a apreensão entre dois valores sem deixar que algum deles seja ignorado, mas também traz o risco de falta de posicionamento diante das possibilidades de interpretação, o que nos leva a refletir a respeito do movimento do *eu* narrador no presente na tentativa de aproximação com o *eu* do passado sem que haja reconhecimento com relação a fatos do passado. Um sentimento central na autobiografia de Grass que gerou discussão a respeito desse movimento de distanciamento e aproximação foi a relação do autor com a culpa.

O uso da ambiguidade pode ser verificado de forma não homogênea ao longo do texto. Ela se apresenta de forma mais aguda na parte dedicada a narração a respeito do período da Segunda Guerra Mundial, principalmente no que se refere envolvimento do autor com a *Waffen-SS*. Podemos analisar este fato como uma estratégia narrativa, e isso poderia sugerir em termos éticos, como já afirmado, um problema dentro da narrativa. Poder-se-ia formular a hipótese de que essa estratégia é utilizada como forma de disfarçar o próprio passado. Este tipo de hipótese faz com que sejam questionados padrões éticos e morais dos escritos autobiográficos, principalmente no que se refere ao recorte histórico apresentado por Grass. Tal hipótese estabelece a relação direta entre o caráter referencial da autobiografia, que teria como centro a apresentação da verdade e a postura ética do escritor ao utilizar certas estratégias para construir

o texto. Neste recurso pode residir a única maneira de se chegar às reivindicações de verdade na autobiografia, relacionadas diretamente às questões de culpa. O fato de Grass não oferecer uma narrativa detalhada não se limita ao fato de ele querer esconder os fatos mais objetivos e diretos de seu envolvimento com a *Waffen-SS*, mas se refere mais à forma estética, que diz respeito aos problemas reais que a matéria representa para sua reconstrução.

A culpa é um tema caro às discussões do pós-Segunda Guerra na Alemanha. No caso de Grass, existe uma relação entre a culpa problematizada em seu texto autobiográfico e os mecanismos de autoindulgência disseminados pela sociedade alemã sob a ideia de construção de uma culpa coletiva. Grass construiu sua carreira literária como crítico desse processo. Em *Die Blechtrommel*, a cebola – imagem central da autobiografia – aparece como dispositivo para a exposição cínica de tal sentimento: enquanto Oskar Matzerath toca seu tambor em um bar a fim e entreter o público, o público descasca o legume para provocar o choro de uma culpa que, de outro modo, não viria à tona. O alinhamento entre o episódio do romance e a construção simbólica da autobiografia é clara e está entre os elementos de sobreposição entre ficção e autobiografia; no entanto, o que Grass critica em *Die Blechtrommel* – e nos interessa neste momento – é justamente essa configuração impessoal e indeterminada da culpa, uma “culpa de todos”. A culpa, pelo contrário, deveria ser determinada e esclarecida segundo o quinhão, ainda que menor e medíocre, de cada indivíduo na construção do nazismo. Esse é o trabalho memorialista de Oskar no romance: observar como o destino da pequena burguesia alemã, em seus anseios e arrivismo, está integrada aos horrores perpetrados pelo Estado alemão.

A diferença entre os momentos, ou as obras está, na obra autobiográfica, em uma problematização da própria ideia de culpa. No romance era necessário senti-la, ainda que postiza; na autobiografia, ela se mostra por vezes esvaziada e questionada. A visão crítica da culpa, presente em *Die Blechtrommel*, choca-se com sua problematização em *Beim Häuten der Zwiebel*. O choque promovido entre as duas obras deriva de tal contraste, potencializado pelo fato de o autor admitir sua participação em episódios da história alemã que o tornariam, sob a perspectiva de sua própria crítica moral, culpado, ao mesmo tempo que declara sua insensibilidade frente à mesma culpa. Nesse sentido, o que Grass traz, como debate e problematização da culpa em sua autobiografia, permite-nos estudar este aspecto sob prismas distintos.

### **Considerações finais**

Grass contribuiu com sua obra, principalmente com *Die Blechtrommel*, para a representação de um momento histórico importante não apenas para a Alemanha e a Europa, mas também para o mundo, tornando-se um dos principais críticos da catástrofe e de suas

consequências. As revelações apresentadas em sua autobiografia não diminuem a importância de suas obras, pelo contrário, propiciam pensamento mais complexo a respeito do narrado e das condições daqueles que viveram a catástrofe e como lidaram com ela.

---

### **Referências**

GALLE, Helmut Paul Erich. “Experiência, conhecimento, responsabilidade. Sobre o papel do autor na recepção de obras ficcionais e autobiográficas.” XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 13 a 17 de julho. USP – Universidade de São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo, 2008. Disponível em: < pdf/081/HELMUT\_GALLE.pdf>. [Acesso em: 14 de abril de 2016.]

GRASS, Günter. *Die Blechtrommel* Frankfurt a. M: Fischer Bücherei, 1959.

GRASS, Günter. *Beim Häuten der Zwiebel*. Göttingen: Steidl Verlag, 2006.

GRASS, Günter. *Nas peles da cebola*. Rio de Janeiro: Record. 2007.

MAZZARI, Marcus Vinicius. *Romance de formação em perspectiva histórica: o Tambor de Lata de Günter Grass*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

TONGER-ERK, Lily. „Die Fakten Lügen Strafen“. Zur Ambiguität des Autobiographischen in Günter Grass’ „Beim Häuten der Zwiebel“. *Zeitschrift für deutsche Philologie*, Bd. 131, pp. 571-590, 2012.